

# Tributo a Marilena Ansaldi deixa gosto de 'queremos mais'

Festa no Teatro Franco Zampari, na quinta à noite, contou com depoimentos de Marcio Aurélio, José Possi e Celso Nunes

**Helena Katz**  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Ela jurou que não seria uma nova Dercy Gonçalves das despedidas, e que fazia o seu último espetáculo. Mas também disse que sabia que não a levavam à sério. Vestida de vermelho, no tom da poltrona na qual se sentou para compartilhar a sua trajetória artística, Marilena Ansaldi como que se fundia nela. Talvez quisesse nos indicar que escolhia esse para ser, a partir de agora, o seu lugar. De lá, pode olhar para a sua vida artística, pautada por uma visceralidade e uma intensidade ímpares, como um objeto fora de seu corpo.

Foi poeticamente forte essa escolha. Afinal, Ansaldi distin-

guiu-se pela habilidade de mostrar que as emoções acontecem no corpo. Sua presença teve sempre a força de inventar não somente os personagens, mas também os seus mundos. Eles sempre surgem agidos por uma volúpia e amparados por uma entrega irrestrita. Ao final, Marcio Aurélio, José Possi Neto, Celso Nunes e Cibele Forjaz, diretores com os quais trabalhou, sublinharam a sua inquietude e, sobretudo, a sua urgência, aquela que caracteriza os apaixonados que, como ela, vivem o presente com sofreguidão.

Suas falas começaram depois dos aplausos que ovacionaram a inteligente cena que Marilena havia concebido com a colaboração de Marcio Aurélio para a sua despedida. Com mate-

rial do seu acervo somado ao que foi cedido pela TV Cultura, montaram um mosaico que reuniu fotos do seu começo no balé clássico a trechos de obras que se tornaram referências na história brasileira da dança e do teatro. Quem teve o privilégio de assistir a, por exemplo, *Isso ou Aquilo?* (1975), *Escuta Zé* (1977), *Um Sopro de Vida* (1979), *Hamletmachine* (1987), *A Paixão Segundo G. H.* (1989) e *Clytemnestra* (1991), tem bem clara a dimensão gigante de Marilena Ansaldi na dramaturgia brasileira.

Dois meses depois de *Clytemnestra*, que teve direção de Antonio Araújo, surgiu a síndrome do pânico que a afastou dos palcos por 12 anos. Voltou depois que aquela a quem chama de "uma anja que bateu à minha



MARILENA - Agora, só na poltrona

porta", a jornalista Ana Francisca Ponzio, a convenceu. Assim nasceu *Desassossego* (2005), que lhe deixou com apetite para criar, pouco depois, um solo de 12 minutos, que mostrou em *A Metafísica do Amor* (2007), peça que Marcio Aurélio realizou com o ator Paulo Marcello.

Há algo de muito especial em Marilena, que vem da sua formação como bailarina. O modo como domina cada movimento é que permitiu que materializasse aquela presença de intensidade tão rara que veio a caracterizá-la. Um domínio absoluto sobre cada gesto, todo um cuidado com cada inflexão, como se o mínimo movimento fizesse parte de uma partitura coreográfica a ser executada com todo o rigor. É desse controle que ir-

rompem os seus jorros emocionais, instaurando o seu corpo como a verdadeira cena de tudo o que faz. Um corpo que exemplifica a não separação entre razão e emoção.

Foi exatamente isso o que mostrou nessa, que jura ser a sua última aparição nos palcos, e que realizou anteontem, no Teatro Franco Zampari, quando passou a compor a coleção *Figuras da Dança*, que a São Paulo Companhia de Dança vem organizando. Ainda é cedo para sabermos se a lucidez da sua força como intérprete pode mesmo ser represada tão cedo. Afinal, Marilena estava em cena e, no teatro, não é esse o tipo de verdade que conta. É, sim, uma outra, aquela na qual Marilena se tornou referência. ●

**SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA 2008**

**HESPÈRION XXI**  
**LA CAPELLA REIAL DE CATALUNYA**  
**JORDI SAVALL**  
REGÊNCIA E VIOLA DA GAMBA

**MONTSERRAT FIGUERAS**  
SOPRANO

**TEATRO ABRIL**  
AV. BRIGADEIRO LUIS ANTÔNIO, 411  
16 E 18 DE SETEMBRO, 21H

Inspiração no antigo nome das penínsulas Ibérica e Itálica, *Hesperia*, este grupo de virtuosos explora a rica música ocidental composta até o século XIX, interpretadas com instrumentos de época.

"...uma encantadora e apassionada viagem musical através do tempo..."  
The Los Angeles Times

Visite o site [www.culturaartistica.com.br](http://www.culturaartistica.com.br) para saber mais sobre a nossa temporada.

Informações e vendas: **CULTURA ARTÍSTICA**  
Telefone (11) 3258-3344  
de segunda a sábado das 10h às 18h

patrocinio: **ESTADÃO**, **CBI**, **CREDIT SUISSE**, **Telefônica**

Programação sujeita a alterações. Preço especial para estudantes com até 30 anos, 30 minutos antes do concerto. R\$ 10,00. Classificação etária: livre.



DOIS MOMENTOS - Wayne McGregor levou *Entity* sobre neurociência (E) e o finlandês Tero Saarinen repetiu *Blue Lady*, de Carolyn Carlson (D)

## Lyon vive a glória de ser uma cidade coreográfica

Saiba um pouco do que tem se passado de melhor nos palcos desta cidade interiorana francesa, que é a sede da mais famosa bienal de dança do mundo

**Livia Deodato**  
LYON

Todos os 25 dias da Bienal de Dança de Lyon, pontualmente às 13 horas, o canadense

Paul-André Fortier leva para uma plataforma cinzenta, montada no meio da praça Les Halles, uma performance silenciosa, capaz de transpor o barulho dos ônibus e dos carros que trafegam na movimentada Cours Lafayette para um vácuo imaginário. Vestindo um figurino básico preto e sem contar com o auxílio de nenhum aparato cênico, Fortier estabelece uma clara relação entre espaço e tempo. Seus braços atuam como pêndulos em movimentos cíclicos e suas pernas passeiam por todo o tablado à procura de um espaço específico onde possa encaixá-las, numa dança metafórica muito bem marcada.

Lyon, considerado o segundo maior município da França, respira dança durante este mês. E quando os espetáculos não são gratuitos, como o de Fortier, têm valores proporcionalmente justos, muito diferentes dos praticados no Brasil. Para assistir aos grupos brasileiros, por exemplo - Cia. Urbana de Dança e Sociedade Masculina -, o público tem de desembolsar entre 10 e 27 euros. O balé da casa, da l'Opéra de Lyon, que durante a Bienal apresenta três diferentes programas, têm entradas que variam entre 7 e 30 euros. Uma das coreografias, *Second Detail*, de 1991, de William Forsythe, junto a outras duas do checo Jiri Kylian, serão apresentadas no Teatro Alfa, em São Paulo, em outubro. E os ingressos alcançam entre R\$ 50 e R\$ 120.

A coerência monetária que visa não somente a democracia não se restringe aos valores dos ingressos praticados. Ela se faz presente também no apoio permanente do governo francês aos grupos de artes cênicas. Se esse suporte financeiro é sonho no Brasil, nos Estados Unidos é escasso, garante o bailarino Ronald K. Brown que mostra, durante a Bienal, *One Shot* (2007), *Order My Steps* (2005) e *Walking Out the Dark* (2001). "Eu recebo apenas US\$ 10 mil por ano", revelou durante coletiva, sob olhares arre-

**INGRESSOS COSTUMAM SER GRATUITOS OU, ENTÃO, COM VALOR BASTANTE ACESSÍVEL**

galados de jornalistas de países considerados de primeiro mundo. Quando perguntado a respeito de sua preferência entre os candidatos à presidência americana, Brown preferiu deixar em aberto a sua resposta. "Existe uma euforia em torno dessa pessoa, de origem africana, que a população acredita que trará mudanças expressivas", disse sem citar o nome de Barack Obama para, logo em seguida, voltar ao tema que mais lhe interessa e através do qual crê em transformações. "Se eu conseguir realizar um trabalho capaz de tocar as pessoas e fazê-las felizes, então terei sido recompensado."

Esse pensamento majoritário de grande parte dos artistas se traduz, inclusive, em releituras de obras apresentadas há mais de 20 anos - que podem ou não surtir o mesmo efeito causado na época da estreia. É o caso do solo *Blue Lady*, criado pela coreógrafa americana Carolyn Carlson em 1983 e que foi remontado para a Bienal sob interpretação do finlandês Tero Saarinen. Motivo de sensação quando estreou em Veneza, na Itália, e durante toda a década seguinte, o trabalho hoje causa opiniões e sentimentos díspares: tanto embalou num sono pesado muitos dos espectadores presentes, quanto deixou em êxtase outros. Na boca do palco, cinco largas persianas entreabertas brincam de recortar o corpo do bailarino. Aos poucos elas se abrem e revelam movimentos inspirados na ansiedade de pacientes psiquiátricos.

No extremo oposto dessa minuciosidade coreográfica está a companhia de outro americano, Wayne McGregor, *Random Dance*, que levou pela primeira vez à França o espetáculo *Entity*. O trabalho contou com a colaboração do Instituto de Neurociência da Califórnia para desenvolver uma linguagem que funde lingüística, psicologia, robótica e sua interface humana. O experimento resultou em uma obra tecnológica, que utiliza projeções em três telões móveis. ●

A repórter viajou a convite da organização do festival

**Abrem temporada de shows**

**Derico & amigos**

Venha jantar e dançar ao som do talentoso músico que faz parte do programa Jô Soares.

Ele estará no espaço gastronômico MC no lançamento do cd duplo "Derico & Sérgio - Duo Sciotti - 25 anos".

12, 13, 19 e 20 de setembro  
Todas as sextas e sábados de Novembro a partir das 20h

Av. Henrique Schaumann - 251 - Jardins-SP  
Reservas (11) 3775-5000 - [www.fazendamc.com.br](http://www.fazendamc.com.br)